

# COOPERATIVA PINDORAMA: UM HISTÓRICO DE TRABALHO COLETIVO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Sandro Pereira Silva\*  
Carolina da Cunha Rocha\*\*

Na Pindorama eu sou um homem livre  
Na Pindorama eu sou independente  
Sou um colono, tenho minha própria terra  
Agora sim é que eu vivo alegremente  
(Trecho do hino de Pindorama,  
criado pelos próprios cooperados)

## 1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo, embora possa ser reconhecido em diversos setores da economia brasileira, tem no setor agrícola sua manifestação mais comum.<sup>1</sup> No caso específico da agricultura familiar, a organização coletiva dos trabalhadores surge como um instrumento de grande importância para superar entraves típicos deste segmento socioproductivo no meio rural, como a dificuldade de escala de produção, de acesso a financiamento e assistência técnica, de comercialização, entre outros (Silva, Dias e Silva, 2013). Por sua vez, o cooperativismo e o associativismo na agricultura familiar são uma das faces mais visíveis do universo da economia solidária no Brasil, modelo que abrange uma série de experiências de cunho econômico, com base na organização coletiva e autogestionária de seus associados e cujo intuito é garantir a inserção produtiva e a geração de renda aos trabalhadores envolvidos. São muitas as experiências desse tipo de cooperativismo no país, variando em termos de abrangência territorial, número de associados, resultado econômico, entre outros fatores que compreendem a própria heterogeneidade da sociedade brasileira (Silva e Nagem, 2012).

Um caso que pode ser considerado de sucesso e digno de estudos mais aprofundados sobre sua dinâmica socioeconômica é o da Cooperativa Pindorama, no estado de Alagoas.

---

\* Técnico de Planejamento e Pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

\*\* Técnica em assuntos educacionais da Fundação Escola Nacional de Administração Pública (ENAP).

1. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define cooperativa da seguinte maneira: "é uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais em comum através de uma empresa de propriedade conjunta e de gestão democrática" (OIT, 2002).

Todo o complexo cooperativo que envolve Pindorama é fruto de um projeto de mais de cinquenta anos, inserido em uma política nacional de colonização e reforma agrária que foi idealizado por um europeu, até hoje lembrado e celebrado na comunidade. Atualmente, são mais de mil famílias envolvidas nas diversas atividades produtivas e em uma série de outros projetos apoiados pela Cooperativa e que beneficiam direta e indiretamente a população dos municípios alagoanos de Coruripe, Penedo e Feliz Deserto, região onde está instalada.

Este texto tem como objetivo fazer um breve relato sobre a experiência da Cooperativa Pindorama, enfocando os principais fatos que antecederam a sua constituição, suas dificuldades iniciais e atuais, as estratégias que foram adotadas para expansão das atividades, sua estrutura social, produtiva e as parcerias, sua interação com o território e as dimensões de atuação para o seu desenvolvimento e o da comunidade que circunda. Para isso, foram utilizados os seguintes métodos: *i*) revisão de literatura sobre a experiência de Pindorama, em especial as obras de Lemos (2006), Carvalho (2005) e, sobretudo, o estudo de Lima (2012), fruto de um trabalho de doutorado; *ii*) análise de documentos históricos e contábeis apresentados durante visita *in loco* à sede da Cooperativa e às principais estruturas de produção; e *iii*) entrevista com o presidente e com funcionários que desempenham diferentes funções na Cooperativa.

## 2 RENÉ BERTHOLET E O SONHO DE PINDORAMA

O grande idealizador do projeto de Pindorama foi René Bertholet. Nascido no dia 24 de abril de 1907, em Genebra, na Suíça, e desde jovem interessado pelas lutas dos trabalhadores por seus direitos, Bertholet militou em organizações político-sindicais em vários países da Europa. Na década de 1930, chegou a ser preso pelo governo nazista, na Alemanha, onde ficou encarcerado por vinte meses.

Após a guerra, sua vinda ao Brasil se deu em virtude de um arrojado projeto de instalar colônias de famílias europeias no continente americano, com apoio de entidades da Suíça. Os primeiros contatos com o governo brasileiro, que deu retorno positivo ao projeto, foram em 1949. No total, foi autorizada a vinda de 20 mil famílias, sendo que, de início, viriam 500. No mesmo ano, Bertholet veio em sua primeira missão para avaliar as possibilidades de local para receber o projeto. A princípio, o governo brasileiro destinou o Planalto Central de Goiás, mas a comissão responsável pelo projeto não aceitou, devido ao clima quente e ao solo pobre da região. Surgiu então a possibilidade de instalação das colônias no Paraná, na região de Guarapuava, de clima mais favorável e boa altitude. Segundo Lemos (2006), após um decreto do governo brasileiro, em 1951, as 500 famílias puderam embarcar para o Brasil.

Paralelamente a esse projeto, foi criada a Companhia Progresso Rural (CPR), em 1952, incumbida pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) de fundar e desenvolver colônias agrícolas em diversas partes do país (Lima, 2012). René Bertholet foi escolhido como um de seus diretores e passou então a viver no Rio de Janeiro. Por meio da leitura de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Celso Furtado e outros, que abordavam a questão social brasileira, passou a se interessar cada vez mais pela problemática nordestina, cujos cenários de fortes secas e tradição patriarcal e coronelista no trato da terra formavam um triste quadro sociopolítico, responsável pela pobreza do território e pela migração de sua população para outras regiões do país.

O projeto de Guarapuava, todavia, ainda era alvo de tensão. Em razão dos sérios problemas econômicos em seu início, com diversas crises internas, Bertholet foi chamado para assumir o comando do projeto. Ao assumir a nova função, ele iniciou o processo para a criação de uma cooperativa agropecuária. Em pouco tempo, a cooperativa conseguiu se organizar e alcançar equilíbrio financeiro. Em 1955, Bertholet se retirou da presidência, sendo substituído por um colono que foi eleito para o cargo (Lemos, 2006).

Em 1953, a CPR adquiriu uma grande faixa de terra, de 34.133 hectares ao sul de Alagoas, com financiamento da antiga Superintendência da Moeda e Crédito (SUMOC). Essa propriedade seria destinada à implantação de um projeto de colonização. Embora o solo fosse de baixa fertilidade natural, o que comprometeria a viabilidade econômica do projeto, a área adquirida, em compensação, era predominantemente plana e banhada por cinco rios. Assim, o projeto foi levado adiante, sob a direção de Bertholet, que tinha como perspectiva “combinar a agricultura de subsistência com a produção voltada para os mercados locais, via formação de uma cooperativa agroindustrial de suco de frutas” (Lemos, 2006, p. 21)

A área de colonização passou a ser chamada de Pindorama, que na língua tupi significa “terra das palmeiras”, e também o primeiro nome do Brasil, remetendo à ideia de uma nova colonização baseada em ideais de justiça social. A colônia foi dividida em “aldeias”, de acordo com suas características particulares quanto aos recursos naturais. Foram definidas, ao final, dezenove aldeias, nas quais se assentavam 1.400 lotes com área entre 20 e 30 hectares. A CPR assumiu a responsabilidade pelos investimentos em infraestrutura local (estradas, escolas, gerador elétrico, casas de alvenaria etc.), além de garantir auxílio financeiro aos colonos para sua subsistência e custeio da produção durante os dois primeiros anos (Carvalho, 2005). O projeto iniciou-se em 1956, com oitenta colonos. Nesse ano, foi constituída a Cooperativa de Consumo Pindorama Ltda. O objetivo era o desenvolvimento do projeto com base em pequenas e médias unidades de produção agropecuária, o que contrastava com o cenário marcado pela presença do latifúndio da lavoura canavieira da região (Lima, 2012).

Porém, o histórico de coronelismo na região impôs fortes barreiras ao trabalho de Bertholet à frente de Pindorama. Ele teve grandes problemas com a oligarquia local, sendo alvo de ataques constantes feitos por órgãos da imprensa e por políticos locais. Um deputado estadual que liderava a campanha difamatória contra Bertholet solicitou a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar Pindorama.<sup>2</sup> Os principais jornais do estado à época e também as estações de rádio estampavam manchetes caluniosas sobre a experiência.<sup>3</sup> Bertholet passou a receber ameaças de morte. A situação só melhorou após a intervenção do bispo de Penedo, Dom José Terceiro, que decidiu realizar em Pindorama a 4ª Semana Rural da Diocese de Penedo. Para esse evento foram convidadas diversas autoridades alagoanas, inclusive o próprio governador.

Além dos problemas políticos locais, o projeto de Pindorama passou a ser ameaçado também por questões financeiras que afetavam a CPR no fim dos 1950, o que comprometia sua capacidade de saldar as dívidas relativas à compra da terra, junto

2. Após as investigações da CPI, todas as dezenove acusações contra Pindorama foram rejeitadas pela Assembleia Legislativa de Alagoas.

3. Manchete do *Jornal de Alagoas*, de 9/10/1959: “Bandidos internacionais transformam os colonos de Pindorama em escravos e instalam um verdadeiro estado de terror”. Manchete do *Diário de Alagoas*, de 8/12/1959: “Pindorama será transformada em verdadeiro campo de concentração” (Lemos, 2006, p. 41).

à SUMOC. Vislumbrando uma solução possível, Bertholet buscou apoio do INIC para manter vivo o projeto. Ele então propôs a criação da Cooperativa de Colonização Agrícola de Pindorama, em substituição à Cooperativa de Consumo. A nova Cooperativa, de personalidade jurídica mais complexa, teria a incumbência de negociar a aquisição das terras da colônia e de abrigar uma série de atividades produtivas que pudessem gerar renda às famílias empobrecidas. A Cooperativa foi criada em 1959, e Bertholet, eleito seu primeiro presidente. Ele coordenou as negociações com a SUMOC e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e conseguiu assegurar os recursos e as condições para a obtenção das terras. De acordo com Lemos (2006), Bertholet contou inclusive com o apoio de Celso Furtado (à época ministro extraordinário de Planejamento e Desenvolvimento) e Dom Hélder Câmara (por intermédio de Dom José Terceiro).

A exemplo de Guarapuava, os anos iniciais da Cooperativa Pindorama foram de grandes desafios, o que levou Bertholet a solicitar apoio a diversas organizações internacionais com as quais mantinha contato. Com isso, conseguiu apoio financeiro da Suíça para financiar a linha de instalação elétrica entre Penedo e Pindorama, que até então era bastante precária. Conseguiu também recursos para modernizar o parque industrial da Cooperativa e pagar os salários dos enfermeiros que prestavam serviços de saúde. Um grupo de voluntários alemães se prontificou a oferecer seus conhecimentos técnicos para desenvolver a atividade agrícola nas propriedades. Nesse período, foi de grande valia a ajuda de Konrad Reynardt, um agrônomo alemão com grande experiência em agricultura em países tropicais. Ele tornou-se diretor técnico da Cooperativa e chefe de pesquisa (Carvalho, 2005).

Entre 1962 e 1969, a Cooperativa lançou uma experiência pioneira de moeda alternativa, chamada *Gabão*, para auxiliar na comercialização de produtos e na circulação de recursos no interior de Pindorama. No entanto, esses ideais de vanguarda produtiva, acesso a crédito e recursos naturais e intervenção social na forma de apropriação da terra não passariam despercebidos pelo regime ditatorial implantado no país na década de 1960.

Após o golpe militar de 1964, Bertholet voltou a ter problemas com as autoridades, sendo inclusive acusado de ter transformado Pindorama em um esconderijo de armas para grupos subversivos (Lemos, 2006). Convocado pelo serviço de segurança para depor no quartel do exército, Bertholet relatou seu passado à frente da resistência francesa durante a 2ª Guerra Mundial, o que lhe permitiu convencer os militares acerca das reais intenções do trabalho realizado em Pindorama. Dessa maneira, ele conseguiu novamente sair ileso e retornar aos trabalhos.

Porém, as dificuldades financeiras da Cooperativa e, por conseguinte, dos colonos, se mantiveram ao longo dos anos 1960 e o preocupavam sobremaneira. Ele buscava apoio de todas as formas, especialmente junto a organizações da Europa. No dia 1º de maio de 1969, em meio a uma acalorada discussão na Cooperativa, Bertholet veio a falecer aos 62 anos de idade, em razão de uma súbita congestão cerebral.<sup>4</sup>

A morte de Bertholet, que a esse momento já era uma figura conhecida no Nordeste, atraiu o interesse de importantes instituições (como a Sudene) para a causa de Pindorama. Com novos apoios financeiros foi possível iniciar a ampliação e diversificação de sua estrutura produtiva, além de aumentar o número de associados ao longo dos anos.

4. A antiga residência de Bertholet, no município de Coruripe, foi transformada em um museu em homenagem a sua história.

### 3 A EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA

Durante mais de cinquenta anos de existência, a Cooperativa Pindorama enfrentou uma trajetória de muitos desafios, mas com conquistas importantes. Atualmente, é composta por 1.160 cooperados e se destaca por estar localizada em uma região marcada pela tradição latifundiária da *plantation*<sup>5</sup> açucareira. Além dos sócios, a Cooperativa emprega ainda cerca de 650 trabalhadores assalariados permanentes (administração e industrialização), além de centenas de trabalhadores temporários nos períodos de corte de cana.<sup>6</sup> A sede da Cooperativa está localizada no município de Coruripe, mas a extensão da colônia de Pindorama abrange ainda outros dois municípios, Penedo e Feliz Deserto. Seu quadro social é bastante heterogêneo, sobretudo quanto à propriedade de terra, que varia de quantidade (de 1 a 4 lotes) e de tamanho (5 a 25 hectares). Sobre esse ponto, Lima (2012, p. 144) entende que:

Diante da heterogeneidade nas unidades produtivas cooperativadas, os cooperados incorporam uma lógica própria de pensar a produção, a propriedade da terra e a reprodução da família, estabelecendo uma diversidade de estratégias de sobrevivência e resistência, a partir da combinação dessas variáveis, quais sejam: a articulação subordinada de produtos não integrados às cadeias produtivas, a persistência de formas menos capitalizadas no setor agroindustrial, as transformações da empresa familiar com o incremento da agricultura de contrato e as estratégias de organização.

A produção de cana-de-açúcar sempre foi a atividade principal entre os colonos de Pindorama, muito em função de sua tradição na região. Tal fato poderia ser observado como uma contradição do projeto de colonização, já que a atividade canavieira é conhecida como “negócio de usineiro”, o que Vasconcelos (2002) tentou desmistificar em seu livro *A Salvação da Lavoura*, afirmando que a cultura da cana-de-açúcar pode ser perfeitamente apropriada para o desenvolvimento de pequenas unidades agrícolas familiares, sob um modelo integrado onde se produz energia e alimentos.

A Cooperativa organizou sua estratégia de desenvolvimento com base em um projeto coletivo organizado em duas frentes: por um lado, buscou fornecer a seus associados infraestrutura e assistência necessárias para a elevação da produtividade e verticalização da produção de cana; por outro, investiu em outras atividades (sobretudo a fruticultura e a pecuária), a fim de obter uma diversificação produtiva que diminuísse a dependência da cana. Além dessas duas frentes de atuação, sempre se manteve a produção de subsistência nos lotes como elemento importante de segurança alimentar das famílias.<sup>7</sup>

De acordo com Lima (2012, p. 124), a Cooperativa se valeu, nos anos 1980, dos incentivos governamentais concedidos no âmbito do Programa Proálcool para modernizar sua produção, e esses investimentos permitiram a expansão territorial do cultivo de cana na colônia nos anos 1990, de tal modo que a produção passou a ser “orientada tanto ao mercado interno quanto ao mercado externo”. Essa expansão se manteve ao longo dos anos 2000, quando a ocupação das terras de Pindorama com os canaviais passou de

5. As *plantations* correspondem a um modelo de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX, principalmente nas colônias europeias da América e que tinha como características principais: os grandes latifúndios, a monocultura, o trabalho escravo e a exportação da sua produção para a metrópole.

6. “A administração da Cooperativa é composta de um Conselho de Administração, formado por uma diretoria executiva constituída por cinco membros: presidente, vice-presidente e secretário, além de dois conselheiros. Este órgão é responsável pela gestão dos negócios da Cooperativa, submetendo-se à deliberação da Assembleia Geral” (Lima, 2012, p. 171).

7. “As atividades de subsistência incluem animais de pequeno porte, como a criação de galinha caipira, galinha de granja, suínos e peru. Além da criação de um pomar, com o cultivo de mandioca, inhame, batata-doce, hortaliças, feijão e milho, destinados ao consumo da família e à comercialização do excedente” (Lima, 2012, p. 141).

12 mil hectares, em 2002, para 15 mil hectares em 2011, o que representa quase a metade de toda a área da colônia ocupada pela produção de cana-de-açúcar. A previsão para 2011 era produzir um milhão de toneladas de cana, praticamente o dobro do que era produzido no início da década anterior. Com a expansão da área plantada, a produção também obteve um significativo salto nos anos recentes. O parque industrial conta com a usina de açúcar e a destilaria de álcool. Em 2010, por exemplo, foram produzidas 900 mil sacas de açúcar e 47 milhões de litros de álcool. Nesse período, também se investiu na modernização da estrutura industrial. A Cooperativa montou com recursos próprios “uma planta considerada a mais moderna do país, operada por computadores, (...) instalada ao lado da destilaria que funciona desde o início dos anos 1980”.

A intensificação dos investimentos na atividade sucroalcooleira, entretanto, também gerou algumas externalidades negativas para a Cooperativa, entre estas, os problemas ambientais ocasionados pelo maior uso da mecanização e insumos agrícolas.<sup>8</sup>

Outra questão importante foi relativa ao processo de reconcentração fundiária na colônia, com o aumento de propriedades com mais de 25 hectares, embora a grande maioria ainda se encontre entre 10 e 25 hectares (Lima, 2012). Podem ocorrer também casos em que cooperados mais ricos adquiram outros lotes, em que pese a existência de um acordo tácito no qual cada cooperado não pode possuir mais de quatro lotes.<sup>9</sup>

No tocante ao incentivo à diversificação produtiva, as principais atividades existentes na colônia referem-se ao cultivo de frutas para a fabricação de sucos, presente desde o projeto inicial de Bertholet, e à criação de gado para a produção de leite, entre outros derivados. No entendimento de Lima (2012), estas atividades são importantes por serem culturas perenes, que auxiliam os cooperados na obtenção de renda durante o ano todo, enquanto a cana, embora seja mais representativa, é uma cultura de colheita anual. Menos de 5% dos cooperados se ocupam exclusivamente do plantio da cana, havendo, portanto, uma complementaridade entre essas atividades. Para dar suporte a toda a estrutura de produção agrícola, a Cooperativa investiu e buscou parcerias para ampliar o sistema de irrigação a ser disponibilizado a seus associados. Conta também com incentivo do Banco do Brasil (BB) e do Banco do Nordeste (BNB) para conseguir crédito para financiamento e custeio das lavouras dos seus associados, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).<sup>10</sup>

Para a agregação de valor a esses outros produtos, a Cooperativa conta com três agroindústrias: suco de frutas, derivados de coco e beneficiamento de leite. Essas estruturas foram projetadas nos anos 1990 e dedicam-se à industrialização de sucos de frutas (sabores maracujá, caju, acerola, abacaxi, goiaba, manga e uva), com capacidade de produção de 2.500 caixas de suco por dia. Recentemente, a Cooperativa começou a produzir também suco em pó. A agroindústria de derivados de coco produz leite de coco e leite de coco *light*, gerando uma produção total média de mil caixas por dia,<sup>11</sup> e também coco ralado,

8. Para absorver parte desses problemas ambientais, a Cooperativa continua a investir na diversificação produtiva, com um modelo de agricultura familiar de baixos insumos e na verticalização agroindustrial, no sentido de gerar trabalho e novas fontes de renda, além de favorecer o meio ambiente (Lima, 2012).

9. Essa cláusula não é prevista nas normas internas da Cooperativa, esteve apenas no primeiro Estatuto Social. Todavia, o contrato de colonato, assinado no momento de adesão do cooperado, prevê a proibição de venda da posse de terra sem o prévio e expresso consentimento da Cooperativa.

10. Sobre o PRONAF, ver Silva (2011).

11. Tanto no caso do suco de frutas como no de leite de coco, cada caixa comporta 24 garrafas com 500 ml.

com capacidade de produzir mil quilos por dia. Já o beneficiamento do leite produzido pelos associados, embora ainda em pequena escala, produz para a venda o leite tipo C, manteiga e doce de leite.<sup>12</sup> Segundo Lima (2012, p. 138):

A produção de frutas exige maior quantidade de terra (acima de 10 hectares), no sistema de produção semiextensiva, envolve menos trabalho pesado em relação à cana, e fornece mais de uma colheita anual. A pecuária de leite representa mais um componente agroindustrial da Cooperativa, sendo crucial, também para a subsistência dos cooperados. Geralmente, o cooperado reserva meio hectare de sua terra para dedicar à pecuária, produzindo em torno de 120 litros de leite/dia. O sistema de confinamento é destinado à engorda e utiliza além do pasto, os subprodutos da indústria de sucos e bagaço de cana hidrolisado e enriquecido.

Para complementar sua estrutura agroindustrial, foi inaugurada pela Cooperativa, em 2011, uma fábrica de balas (confeitos) com capacidade para produzir 1.200 balas por minuto, agregando valor ao açúcar produzido em sua usina e gerando novos postos de trabalho.

Em termos de mercado para seus produtos, atualmente, a marca Pindorama, com seu *mix* com dezenas de produtos, tem conseguido penetração em âmbito local, regional e nacional, além de já atuar também no mercado internacional, com a exportação de açúcar. Além de Alagoas, para onde são destinados cerca de 50% de toda a produção, os principais estados de destino dos produtos são: Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. A Cooperativa conta ainda com duas centrais de distribuição fora de Alagoas: uma no município de Bom Conselho, em Pernambuco, e outra em Fortaleza, ambas com boa capacidade de estocagem.

Sobre o atual estágio da Cooperativa, Lima (2012, p. 259) afirmou o seguinte:

Hoje, a marca Pindorama está se consolidando, nacionalmente, nos mercados, baseada na construção de novos valores, redes e instituições, embora se reconheça, também, que a Cooperativa enfrenta desafios em relação a sua adaptação às regras e valores dos mercados já estruturados, com ampliação da base de fornecedores, ao incremento da fidelização de clientes, à economia de escala extremamente elevada, à linha de crédito integrada com o mercado, à forte concorrência de produtos similares, inclusive de empresas multinacionais; e à carga tributária.

Para manter a qualidade na produção de todos esses produtos, é necessária uma boa oferta de assistência técnica aos cooperados e funcionários das agroindústrias. Segundo seu atual presidente, essa é uma das grandes preocupações do setor administrativo: garantir a assistência técnica necessária em todo o setor produtivo. Para isso, além de manter um corpo próprio de técnicos,<sup>13</sup> a Cooperativa visa estabelecer parcerias com várias organizações públicas e privadas para a promoção de cursos de capacitação em diversos níveis a seus associados e funcionários. Nesse quesito, é importante destacar o Centro de Treinamento Rural de Pindorama (CETRUP), criado pela Cooperativa em 1968, com recursos do movimento sindical alemão mobilizado por Bertholet, e que ainda hoje cumpre importante papel na qualificação técnica e para a escolarização dos associados.

A Cooperativa também incentiva a formação superior de seus associados e funcionários, financiando os gastos com o transporte e 50% do valor da mensalidade

12. Essa atividade agroindustrial é relevante para a Cooperativa porque absorve toda a produção leiteira dos cooperados. A Cooperativa também incentiva agricultores de outros municípios a produzir leite para ser adquirido em sua agroindústria.

13. É papel dos técnicos também dirimir conflitos e auxiliar no entendimento entre os cooperados em todas as aldeias de Pindorama, bem como repassar novos conhecimentos técnicos e estimular a troca de experiências.

do curso em instituição particular de ensino. Outra iniciativa é a manutenção de um convênio com a Escola Agrotécnica Federal de Satuba, em Alagoas, para a concessão de vagas nos cursos técnicos. No entanto, apesar do esforço empreendido desde a origem do projeto, o índice de analfabetismo entre os cooperados ainda é alto, principalmente entre aqueles mais velhos. Tal fato “revela a dificuldade que esses cooperados têm para estudar, sobretudo quando trabalham e casam, pois passam a se responsabilizar pelo ganho financeiro para o sustento da família” (Lima, 2012, p. 152).

#### 4 PROJETOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DA COOPERATIVA

A Cooperativa construiu uma estrutura produtiva cooperativada bastante complexa e diversificada ao longo de mais de meio século de existência, alcançando um faturamento anual na ordem de R\$ 200 milhões. Essa base construída até então vem garantindo a sobrevivência de mais de mil famílias agricultoras em seu território, mesmo com todos os percalços enfrentados. Os resultados alcançados foram dignos de reconhecimento como referência em seu setor. De acordo com Lima (2012), a Cooperativa recebeu o Prêmio Top ICMS 2008, como uma das maiores contribuintes de Alagoas. Em 2010, recebeu o Prêmio Cana Investe, em reconhecimento nacional de seu setor sucroenergético, na categoria Destaque Projeto Social da Região Norte/Nordeste. Recebeu também o Prêmio MasterCana Nordeste, categoria Desempenho – Responsabilidade Social, ao serem destacadas suas ações sociais e ambientais. Por fim, a Cooperativa foi finalista em 2013 da 5ª Edição do Prêmio Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (Prêmio ODM), concedido pela Presidência da República.<sup>14</sup>

Todo esse reconhecimento, portanto, envolve não apenas as atividades econômicas principais da Cooperativa mas todo o rol de atividades e projetos que ela desenvolve em sintonia com a dinâmica social e territorial na qual se insere. Tais projetos fazem parte de sua estratégia de responsabilidade social, que visa rever não somente os valores tradicionais ligados à terra, bem como estimular a repartição democrática, a modernização produtiva e a formação de novas lideranças locais.

Nesse sentido, um dos principais projetos é o Núcleo Incubador de Empresas Pindorama (NIEP), fundado em 2003, o qual, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Alagoas (Sebrae/AL) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo de Alagoas (SESCOOP/AL), fornece suporte técnico a indivíduos e grupos de pessoas (com foco especial em mulheres) dos municípios da região na criação de seu próprio negócio, buscando gerar mais oportunidades de trabalho e renda para a população e dinamizar a economia local. São oferecidos cursos de capacitação em diversas áreas, além de auxílio em processos administrativos, planejamento do negócio, divulgação e comercialização dos produtos gerados. Segundo o presidente, as atividades apoiadas pelo NIEP já possibilitaram a criação de mais de mil postos de trabalho nos municípios de Coruripe, Penedo e Feliz Deserto. O NIEP também busca estabelecer parcerias externas para realizar suas atividades, como a Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal (CAIXA), Prefeitura Municipal de Coruripe, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), SESCOOP/AL, Sebrae/AL e BNB, por exemplo.

14. Para mais informações a respeito do Prêmio ODM, ver: [www.odmbrasil.gov.br](http://www.odmbrasil.gov.br).



Entre os projetos apoiados pelo NIEP, destaca-se a Associação de Confecção Nova Esperança, formada por 30 mulheres, em 2004. Essa associação desenvolve trabalhos de corte e costura, produzindo uniforme escolar para as crianças e jovens alunos de Pindorama e fardamento profissional e Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para os trabalhadores da lavoura de cana e unidades agroindustriais da Cooperativa. Porém, conforme o presidente da Cooperativa, embora esta seja a grande compradora de seus produtos, o objetivo é que a Associação se mantenha independente, podendo negociar livremente com outros clientes. O NIEP, além de dar o apoio gerencial para o negócio, conseguiu financiamento externo para a compra de máquinas e insumos. Em 2013, a Associação foi contemplada com o prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social.

Além da Associação de Confecção Nova Esperança, outros projetos visando principalmente à inclusão produtiva de mulheres das aldeias de Pindorama apoiados pelo NIEP são: a Associação dos Produtores de Material de Limpeza Dia a Dia com Você, que conta com seis associadas na fabricação de água sanitária, desinfetantes e detergentes; a Associação dos Piscicultores da Aldeia Palmeira Alta, com nove associados (oito mulheres e um homem), que produz tilápias na barragem de Pindorama para comercialização local e institucional, dispondo de 68 tanques-rede cedidos pela CODEVASF; a Coopshop, que congrega mulheres de Pindorama que fabricam artesanatos de diversos modelos e materiais, tendo como pontos de comercialização a sede da Cooperativa e uma loja no Pavilhão do Artesanato, em Maceió; o projeto de horta orgânica na Aldeia Prosperidade, que envolve vinte mulheres para o cultivo de plantas medicinais para a produção de chás; entre outros projetos em diferentes estágios de desenvolvimento.

Outro público-alvo dos projetos sociais da Cooperativa são os jovens, incluindo crianças e adolescentes. Pode-se destacar o projeto O Amanhã de Pindorama, que promove ações que garantem a formação plural dos jovens e fazem despertar neles a importância dos princípios cooperativistas para o desenvolvimento futuro de Pindorama. O objetivo é mobilizar e capacitar jovens entre 15 e 19 anos, filhos de cooperados, colaboradores da Cooperativa e da própria comunidade que estejam frequentando a escola regular. Para isso, o projeto oferece atividades profissionalizantes, acompanhamento psicopedagógico, oficina de leitura, aulas de esporte e educação musical, inclusive com a formação de um grupo musical que se apresenta periodicamente no município de Coruripe. Para as crianças do ensino fundamental, são desenvolvidos grupos de leitura, produção de textos e iniciação artística.<sup>15</sup>

Há também o programa Formação de Jovens Lideranças em Cooperativismo, que proporciona, em parceria com a Organização das Cooperativas de Alagoas (Oceal) e o SESCOOP/AL, formação em educação e administração cooperativa a jovens da comunidade com vistas a formar futuros dirigentes. Para cada turma são selecionados quarenta jovens, com idade entre 16 e 24 anos. Assim que concluem o curso, os jovens passam por um estágio de 15 a 90 dias em diferentes setores da Cooperativa. Segundo o presidente da Cooperativa e a diretora do NIEP, todos os anos a procura pelo programa é muito grande, superando o limite de vagas que podem ser ofertadas.

A Cooperativa também desenvolve em sua sede, desde 2008, um projeto de horticultura orgânica, envolvendo cerca de 140 jovens da comunidade. Nesse projeto são conjugados os conhecimentos para a produção de hortaliças e princípios de educação

---

15. Para que a criança ou o jovem venham a participar das atividades oferecidas é preciso que sejam assíduos na escola regular.

ambiental (Lima, 2012). Os recursos adquiridos com a venda dos produtos são divididos entre os jovens participantes.

A questão da inclusão digital também é vislumbrada pela Cooperativa. O NIEP conseguiu dez computadores, em parceria com a prefeitura municipal de Coruripe e o governo federal, para ofertar semestralmente cursos de informática para cerca de 360 jovens das escolas públicas e da comunidade. A comunidade de Pindorama também dispõe da Estação Digital René Bertholet, inaugurada em 2009 e instalada no CETRUP. Esta estação serve tanto para a realização de cursos como para o acesso à internet pela comunidade.

Em termos ambientais, a Cooperativa desenvolve uma série de projetos no intuito de mitigar os problemas causados pela expansão da cultura canavieira na região e também para o tratamento dos resíduos dos processos agroindustriais. O bagaço da cana é o resíduo de maior volume, com produção estimada de mais de 100 mil toneladas por ano. Para seu aproveitamento, uma parte é distribuída para a geração de energia renovável. Essa inovação se tornou possível após o investimento da Cooperativa na criação de um “sistema que utiliza o bagaço de cana descartado na usina de álcool e açúcar para a produção de cinco megawatts, suficientes para a manutenção de todo o processo industrial e de parte da irrigação”. Além do reaproveitamento para fins energéticos, o bagaço da cana também é utilizado para a produção de ração animal, biofertilizante (bioadubo) e para a “fabricação de papel artesanal e de sacos de cimento, proporcionando ocupação e complemento de renda de pessoas da comunidade”. São desenvolvidos ainda pesquisas e capacitações para “trabalhar no aproveitamento de resíduos nas fábricas de sucos e derivados de coco” (Lima, 2012, p. 246-248).

Por fim, a Cooperativa mantém uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), em uma área de 220 hectares. Outra preocupação apresentada pelo presidente é de preservar a mata ciliar. Segundo ele, os esforços empreendidos até então já permitiram a recuperação de cinco hectares de mata ciliar ao redor dos rios Piauí e Camundongo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou, de forma resumida, o histórico de mais de cinquenta anos de uma experiência de reforma agrária no interior alagoano. Após enfrentar intensos desafios de natureza diversa, Pindorama conseguiu se consolidar como uma das principais experiências de cooperativismo na agricultura familiar na região Nordeste. A Cooperativa Pindorama, com um quadro social composto por 1.160 cooperados, constituiu-se ao longo desse tempo como uma referência em termos de estabelecimento de parcerias, desenvolvimento territorial e distribuição de renda.

Embora esteja localizada em uma região onde predomina o latifúndio canavieiro, que é historicamente marcado por um modelo extremamente excludente e concentrador de riqueza e poder, Pindorama conseguiu levar adiante um ousado projeto assentado tanto no fortalecimento da cadeia sucroalcooleira, como na diversificação produtiva e agroindustrialização. Isso permitiu não somente uma reinvenção do espaço agrícola como também uma nova relação do indivíduo com seu território.

A grande peculiaridade que faz de Pindorama uma experiência pioneira e bem-sucedida é que esse projeto se baseou em pequenas unidades familiares de produção, na intersetorialidade, na gestão coletiva, na solidariedade, na inclusão social e na preocupação com o futuro. Estes princípios estão presentes desde o projeto inicial,

idealizado por René Bertholet nos anos 1950, e permanecem sendo compartilhados pelos atores envolvidos.

### REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Cícero P. Pindorama: a cooperativa como alternativa. **Série Apontamentos**, nº 50. Maceió: Edufal, 2005.
- LEMOS, João R. **René Bertholet e Pindorama**: um sonho que deu certo. Pindorama, 2006.
- LIMA, Conceição M. D. **Cooperativa e desenvolvimento territorial**: o caso da Cooperativa Pindorama – Alagoas. Recife: UFPE, 2012.
- OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Recomendação 193 sobre a promoção de cooperativas**. Brasília: OIT/Escritório Brasileiro, 2002.
- SILVA, Sandro P. Políticas públicas, agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 16, n. 58, 2011.
- SILVA, Sandro P.; NAGEM, Fernanda A. Dimensões estruturais dos empreendimentos de economia solidária: uma análise para os estados da Bahia e Paraná. **Revista de Economia do Nordeste**, v. 43, n. 02, 2012.
- SILVA, Marcio G.; DIAS, Marcelo M.; SILVA, Sandro P. Políticas públicas de agricultura familiar e dinâmicas locais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 04, 2013.
- VASCONCELLOS, Gilberto F. **A salvação da lavoura**: receita de fartura para o povo brasileiro. Casa Amarela: São Paulo, 2002.